

6. CONCLUSÃO

Segundo a teoria microeconômica tradicional, se as pequenas empresas brasileiras são tomadores de preços, atuam nos mesmos mercados e possuem a mesma função de produção, elas deveriam obter um determinado nível de lucro e empregar a mesma quantidade de capital, não havendo diversidade entre elas. Assim, ao observar o lucro de uma série de pequenas empresas brasileiras deveria-se obter um mesmo valor para todas elas.

Entretanto, ao analisar-se o lucro antes da retirada dos custos do capital e o valor de capital empregado no processo produtivo dos empreendimentos formados por trabalhadores por conta-própria e com até cinco empregados brasileiros, percebe-se que o nível de lucro difere muito entre eles, com alguns operando com um nível muito baixo de capital e gerando níveis irrisórios de lucro e outros com um valor de capital alto e um nível de lucro elevado, quando comparados aos demais.

Esta evidência sugere que alguma hipótese na qual se baseia a teoria microeconômica para as firmas em mercados competitivos está sendo violada. Uma possibilidade é que os mercados nos quais atuam estas empresas não são completos, isto é, que exista, por exemplo, uma imperfeição no mercado de crédito que faz com que cada firma perceba um preço diferente para o capital ou que cada uma tenha um limite máximo para a quantidade de capital que consegue obter. Outra possibilidade é que estas empresas não possuam a mesma função de produção, havendo uma heterogeneidade produtiva entre elas.

Para verificar se o que determina a diversidade de lucro entre as pequenas empresas brasileiras é uma imperfeição no mercado de crédito ou uma heterogeneidade produtiva, investiga-se no presente trabalho qual o comportamento do lucro antes de serem retirados os custos do capital entre as empresas. A alternativa de estudar o comportamento desta variável na tentativa de identificar o mercado de crédito como um dos possíveis determinantes da lucratividade das pequenas empresas brasileiras surgiu após a verificação de que as perguntas relacionadas a utilização de crédito presentes na base de dados em estudo não permitia separar as pequenas empresas que não necessitavam de

crédito para o desenvolvimento dos seus projetos daquelas que não utilizavam crédito pois não conseguiam obtê-lo. Assim, estas variáveis não identificavam se de fato as empresas estavam restritas ao crédito ou se elas não precisam de crédito, daí estarem fora do mercado. Dado isto, o estudo do comportamento do lucro antes da retirada dos custos do capital é uma abordagem razoável, através do qual podemos identificar algumas características do mercado de crédito para pequenas empresas, apesar de não chegar a fortes conclusões.

Os modelos teóricos apresentados no segundo capítulo mostram que a grande diferença entre os casos em que existe somente imperfeições no mercado de crédito e os casos em que considera-se somente a heterogeneidade produtiva entre as firmas é que nos primeiros a produtividade marginal do capital varia entre elas, enquanto nos últimos ela é constante.

Assim, utilizando os dados fornecidos pelo IBGE sobre os empreendimentos formados por trabalhadores por conta-própria e com até cinco empregados, tenta-se obter uma variável que possa representar de modo satisfatório a produtividade marginal destes. Com este intuito, estima-se, através de uma regressão não-paramétrica, a curva que relaciona o lucro do capital de cada um destes empreendimentos ao valor do capital empregado por eles em seu processo produtivo; obtendo-se através do cálculo da derivada ao longo desta curva a lucratividade marginal do capital.

Nos modelos construídos que captam apenas os efeitos das restrições no mercado de crédito, observar a lucratividade marginal do capital das empresas é o mesmo que observar a produtividade marginal do capital, sendo estas decrescentes entre as firmas.¹

Por outro lado, nos modelos em que o mercado de crédito é perfeito, mas existe heterogeneidade produtiva entre as firmas, a derivada ao longo da curva estimada para o lucro do capital possui dois componentes, um que é exatamente igual a produtividade marginal do capital e outro que capta o efeito da heterogeneidade produtiva sobre o valor do capital empregado pelas firmas. Neste modelo, a lucratividade marginal do capital pode ser crescente, decrescente ou constante. Portanto, ao observar a curva da lucratividade marginal do capital não é

¹ É importante lembrar que este resultado é condicional ao fato das empresas apresentarem uma função de produção côncava.

possível identificar se o que determina a diversidade de lucro entre as pequenas empresas brasileiras é uma imperfeição no mercado de crédito ou uma heterogeneidade produtiva existente entre elas, já que a curva da lucratividade marginal entre as empresas pode ser explicada por qualquer um destes dois fatores, caso ela seja decrescente.

A curva de lucro médio do capital das firmas poderia também ser utilizada na tentativa de identificar o determinante da diversidade de lucro entre as pequenas empresas brasileiras. Entretanto, como demonstrado no instrumental teórico, a análise desta curva não permite determinar se existe somente uma imperfeição no mercado de crédito ou apenas uma heterogeneidade produtiva entre as firmas.

Ao estimar a curva de lucro médio do capital e da lucratividade marginal para as pequenas empresas brasileiras que empregam capital acima de R\$ 15.000,00, percebe-se que o lucro médio é decrescente entre elas, assim como a lucratividade marginal. Estes resultados indicam que a diversidade de lucro e de capital empregado no processo produtivo destas empresas pode ser ocasionada por uma imperfeição no mercado de crédito, seja esta uma restrição quantitativa ou sobre o preço do capital. Deste modo, as imperfeições no mercado de crédito podem ser um determinante da lucratividade das pequenas empresas brasileiras. No entanto, devido a um problema de identificação econométrico, a diversidade de lucro entre elas pode ser explicada apenas pelo o que se denomina de heterogeneidade produtiva.

Caso a diversidade do lucro entre as pequenas empresas brasileiras possa ser explicada apenas por uma imperfeição no mercado de crédito, o valor da lucratividade marginal observado para cada uma destas empresas será um indicador de sua produtividade marginal do capital. Analisando-se o gráfico V apresentado no segundo painel, nota-se que as empresas que atuam com um menor volume de capital podem não conseguir o capital necessário para investir em seu projeto mais produtivo, apesar de possuírem uma alta produtividade marginal, o que acarreta uma perda de produto potencial. Além disso, percebe-se que a taxa de juros para as pequenas empresas que utilizam um baixo valor de capital varia entre 3% e 4%, o que pode representar a taxa de juros do setor informal do mercado de crédito.

Assim, as políticas que procuram facilitar o acesso ao crédito destas pequenas empresas podem ter um impacto significativo sobre o lucro das mesmas, mas é importante verificar qual a melhor forma de implementá-las. Porém, as evidências apresentadas neste trabalho são fracas para inferir sobre a melhor política de crédito para estas pequenas empresas, para isto se faz necessária uma abordagem mais ampla da questão.

Deve-se ressaltar ainda que o presente trabalho não tem a pretensão de responder a todas as perguntas relacionadas a produtividade e lucratividade das pequenas empresas brasileiras, mas, pelo contrário, constitui apenas uma abordagem inicial destas questões, que apesar de sua importância econômica e social, foram pouco estudadas para o contexto brasileiro. Portanto, existem inúmeras extensões para este trabalho. Uma delas seria o estudo do comportamento das pequenas empresas brasileiras dentro de cada grupo de atividade, inclusive procedendo-se uma comparação intersetorial.² Esta abordagem pode ser interessante, visto que a distribuição de tamanho das empresas difere entre os diversos grupos de atividade, como demonstrado na tabela 1 apresentada no segundo capítulo.

Na tentativa de determinar se a diversidade do lucro entre as empresas estudadas é ocasionada por uma heterogeneidade produtiva ou por restrições no mercado de crédito, poderia-se também impor um formato para a distribuição do parâmetro que representa a produtividade total dos fatores de cada uma das firmas, determinando assim qual a relação entre a produtividade total dos fatores e o valor empregado de capital. Ao adicionar esta hipótese ao problema, indica-se como varia a produtividade total dos fatores entre as firmas, o que pode fazer com que o lucro médio do capital entre aquelas que possuem heterogeneidade produtiva seja apenas crescente ou decrescente. Assim, poderia-se separar a heterogeneidade produtiva das imperfeições no mercado de crédito através da curva de lucro médio, dado que somente a parte crescente ou decrescente desta curva poderá ser explicada por uma heterogeneidade produtiva.

² Durante a elaboração deste trabalho foi feita uma tentativa de divisão da amostra da ECINF em grupos de atividade, para a análise de cada um deles. Entretanto, as amostras de cada grupo são pequenas para a metodologia utilizada. Deste modo, os resultados preliminares não foram robustos, visto que na estimação não-paramétrica obtém-se um estimador consistente, mas viesado.

Além disso, é importante frisar que para estudar o desenvolvimento das pequenas empresas brasileiras, é interessante acompanhar o ciclo de vida de cada uma delas, verificando assim como evoluem seu lucro e seu investimento. Entretanto, para isto são necessários dados sobre o comportamento destas empresas ao longo do tempo, o que ainda não é possível obter-se através da ECINF, pois esta foi realizada apenas para o ano de 1997.

Apesar de não apresentar resultados conclusivos sobre os determinantes da diversidade de lucro entre as pequenas empresas brasileiras, o presente trabalho demonstra a possível influência das imperfeições no mercado de crédito no desempenho destas empresas. Além de ser um trabalho que demonstra que a ECINF, base de dados que contém informações sobre os conta-próprias e empregadores com até cinco empregados brasileiros situados nas áreas urbanas, contém informações relevantes, apesar de ser pouco trabalhada. A ECINF permite não só tratar o problema relacionado ao mercado de crédito como também relacionada a inúmeras questões como: constituição jurídica das pequenas empresas brasileiras, mercado de insumo e de produto em que atuam, etc. O trabalho procura ainda abrir caminho para novos estudos que abordem esta importante questão e que colaborem para a formulação de políticas mais efetivas para o desenvolvimento das pequenas empresas brasileiras.